

samente vendido no mundo a grosso e a retalho, por todos os preços, em todos os padrões do ouro amoedado...

— É verdade — conclui — e os novos negociadores do Cristo não se enforcam depois de vende-lo.

Judas afastou-se, tomando a direção do Santo Sepulcro, e eu, confundido nas sombras invisíveis para o mundo, vi que no céu brilhavam algumas estrelas sobre as nuvens pardacentas e tristes, enquanto o Jordão rolava na sua quietude como um lençol de águas mortas, procurando um mar morto.

19 de Abril de 1935.

#### -aos que ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo

Antigamente eu escrevia nas sombras para os que se conservavam nas claridades da Vida. Hoje, escrevo na luz branca da espiritualidade, para quantos ainda se acham mergulhados nas sombras do mundo. Quero crêr, porém, que tão dura tarefa me foi imposta nas mansões da Morte, como exquísita penitência ao meu bom gosto de homem que colheu quanto pôde dos frutos saborosos da árvore paradisíaca dos

nossos primeiros pais, segundo as Escrituras.

Contudo, não desejo imitar aquele velho Tiresias que, á força de proferir alvitres e sentenças, conquistou dos deuses o dom divinatório, em troca dos preciosos dons da vista.

Por esta razão, o meu pensamento não se manifesta entre vocês que aqui acorreram para ouvi-lo, como o daquelas entidades batedoras que em Hydesville, na America do Norte, por intermedio das irmãs Fox, viviam nos primórdios do Espiritismo, contando historias e dando respostas surpreendentes com as suas pancadas ruidosas e alegres.

Devo também esclarecer ao sentimento de curiosidade que os tangeram até aqui, que não estou exercendo ilegalmente a medicina, como grande parte dos defuntos, os quais, hoje em dia, vivem diagnosticando e receitando mézinhos e águas milagrosas para os enfermos.

Nem, tampouco, na minha qualidade de reporter "falecido", sou portador de alguma mensagem sensacional dos paredros comunistas que já se foram dessa vida para a melhor, emulos dos Lenine, dos Kropotkine, cujos cerebros, a esta hora, devem estar transbordando teorias momentosas para o instante amargo que o mundo está vivendo.

O objetivo das minhas palavras póstumas é somente demonstrar o homem... desencar-

nado e a imortalidade dos seus atributos. O facto é que vocês não me viram.

Mas, contem lá fóra que enxergaram o medium. Não afirmem que ele se parece com o Mahatma Gandhi, em virtude de lhe faltar uma tanga, uma cabra e a experiencia "anosa" do "Leader" nacionalista da India. Mas, historiem, com sinceridade, o caso das suas roupas remendadas e tristes de proletario e da sua pobreza limpa e honesta, que anda por esse mundo arrastando tamancos para a remissão de suas faltas nas anteriores encarnações. Quanto a mim, digam que eu estava por detraz do véu de Isis.

Mesmo assim, na minha condição de intangibilidade, não me furto ao desejo de lhes contar algo a respeito desta "outra vida", para onde todos têm de regressar. Se não estou nos infernos, de que fala a teologia dos cristãos, não me acho no setimo paraíso de Mahomet. Não sei contar as minhas aperturas na amarga perspectiva de completo abandono em que me encontrei, logo após abrir os meus olhos no reino extravagante da Morte. Afigurou-se-me que eu ia directamente consignado ao Aqueronte, cujas aguas amargas deveria transpor, como as sombras, para nunca mais voltar, porque não cheguei a presenciar nenhuma luta entre São Gabriel e os Demonios, com as suas balanças tragicas, pela posse de minh'alma. Passa-

dos, porém, os primeiros instantes de inusitado receio, divisei a figura miuda e simples do meu Tio Antoninho, que me recebeu nos seus braços carinhosos de santo.

Em companhia, pois, de afeições ternas, no recanto fabuloso, que é a minha temporária morada, ainda estou como aparvalhado entre todos os fenomenos da sobrevivencia. Ainda não cheguei a encontrar os sóes maravilhosos, as esferas, os mundos cometarys, portentos celestes, que descreve Flammarion na sua "Pluralidade dos Mundos". Para o meu espirito, a Lua ainda prossegue na sua carreira como esfinge eterna do espaço, embuçada no seu burel de freira morta.

Uma saudade doida e uma ansia sem termo fazem um turbilhão no meu cerebro: é a vontade de revêr, no reino das sombras, o meu pai e a minha irmã. Ainda não pude faze-lo. Mas, em um movimento de maravilhosa retrospção, pude volver á minha infancia, na Miritiba longinqua. Revi as suas velhas ruas, semi-arruinadas pelas aguas do Piriá e pelas areias implacaveis... Revi os dias que se foram e senti novamente a alma expansiva de meu pai, como um galho forte e alegre do tronco robusto dos Vêras, e á minha frente, nos quadros vivos da memoria, abracei a minha irmãzinha inesquecida, que era em nossa casa modesta como um anjo pequenino da Assunção de



Murilo, que se tivesse corporificado de uma hora para outra sobre as lamas da terra...

Descansei á sombra das arvores largas e fartas, escutando ainda as violas caboclas, repinicando os sambas da gente das praias nordestas e que tão bem ficaram arquivados na poesia encantadora e simples de Juvenal Galeno.

Da Miritiba distante transportei-me á Paraiíba, onde vibrei com o meu grande mundo liliputiano... Em espirito, contemplei com a minha mãe as folhas enseivadas do meu cajueiro, derramando-se na Terra entre as harmonias do canto choroso das rôlas morenas dos recantos distantes de minha terra.

De almas entrelaçadas contemplei o vulto de marfim antigo daquela santa que, como um anjo, espalmou muitas vezes sobre o meu espirito cansado as suas asas brancas. Beijei-lhe as mãos encarquilhadas genuflexo e segurei as contas do seu rosario e as contas miudas e claras que corriam furtivamente dos seus olhos, acompanhando a sua oração...

Ave-Maria... Cheia de graça... Santa Maria... Mãe de Deus...

Ah! de cada vez que o meu olhar se espalha tristemente sobre a superfície do mundo, volto a minha alma aos firmamentos, tomada de espanto e de assombro... Ainda ha pouco, nas minhas surpresas de recém-desencarnado, en-

contrei na existencia dos espaços, onde não se contam as horas, uma figura de velho, um Espirito ancião, em cujo coração milenário presumo refugiadas todas as experiencias. Longas barbas de neve, olhos transudando piedade infinita e infinita doçura, da sua fisionomia de Doutor da Lei, nos tempos apostolicos, irradiava-se uma corrente de profunda simpatia.

— “Mestre! — disse-lhe eu, na falta de outro nome — que podemos fazer para melhorar a situação do orbe terreno? O espectáculo do mundo me desola e espanta... A familia parece que se dissolve... o lar está balançando como os frutos pôdres, na iminencia de cair... a Civilização, com os seus numerosos seculos de leis e instituições, afigura-se-me haver tocado os seus apogeus... De um lado, existem os que se submergem num gozo aparente e ficticio e, do outro, estão as multidões famintas, aos milhares, que não têm senão rasgado no peito ferido o sinal da cruz, desenhado por Deus com as suas mãos prestigiosas, como os simbolos que Constantino gravara nos seus estandartes... E, sobretudo, Mestre, é a perspectiva horrorosa da guerra... Não ha tranquilidade e a Terra parece mais um fogareiro imenso, cheio de materias em combustão...”

Mas, o bondoso Espirito-ancião me respondeu com humildade e brandura:

— “Meu filho... Esquece o mundo e deixa o homem guerrear em paz!...”

Achei graça no seu paradoxo, porém, só me resta acrescentar:

— “Deixem o mundo em paz com a sua guerra e a sua indiferença!”

Não será minha boca quem vá soprar na trombeta de Josaphat. Cada um guarde aí a sua tença ou o seu preconceito.

23 de Abril de 1935.

### A SUAVE COMPENSAÇÃO

Foi Wells que, em uma das suas audaciosas fantasias, descreveu o vale escuro e triste, onde um punhado de homens havia perdido as faculdades visuais. Tudo para eles era a mesma noite uniforme, onde se arrastavam como sombras da vida.

As gerações se haviam sucedido incessantemente, os seculos passaram e aqueles seres apagaram da lembrança as tradições dos antepassados que lhes falavam do estranho poder dos olhos, os quais, em seus organismos, nada mais eram que duas conchas de treva.

O mundo para eles estava circunscrito àquela prisão escura. Os trovões e o vozerio lamentoso dos ventos da tarde significavam para a sua acuidade auditiva as advertencias das bruxas que povoavam o seu deserto e o chilrear dos passarinhos o suave consolo que lhes prodigalizavam os genios carinhosos e alegres.

Eis, porém, que um dia desce ao vale misterioso um homem que vê. Fala aos filhos da treva das grandes maravilhas do mundo, dos tesouros amontoados nos seus imperios, das faiscentes grinaldas de luz dos plenilunios, do entusiasmo colorido das auroras de primavera, de tudo o que as mãos prestigiosas do Senhor puzeram nas paginas imensas do livro da natureza, para o encanto fugitivo dos homens.

Em resposta, contudo, ouve-se no calabouço um clamor de gargalhadas e de apreensões.

O homem da noite examina com as suas mãos o homem do dia e supõe descobrir a origem dos seus disparates, em descrevendo coisas inverosímeis para ele, atribuindo aos seus olhos a causa da sua loucura, concluindo pela necessidade de se lhe arrancarem esses órgãos, incomodos, como excrescencias daninhas.

Essa fantasia é applicavel ao mundo terreno, em se tratando das verdades novas. Eu sei disso porque tambem perambulei entre as furnas sombrias desse vale de treva misteriosa,